



Fachada do Catetinho: arquitetura da capital realizada com materiais provisórios traduz espírito de um Brasil que ainda não se tornou realidade

BRASÍLIA

Retrato dos anos dourados

Catetinho, que abrigou JK durante construção da capital, recria atmosfera de esperança do Brasil da época



Sala de visitas combina despojamento e elegância característicos da década de 50



A cozinha de ares mineiros onde Juscelino recebia chefes de estado e candangos

ADÉLIA BORGES
de Brasília

Nos anos 50, o brasileiro deixava-se embalar com as promessas de que o país, enfim, ia cumprir seu destino e ingressar no futuro. Um presidente visionário catalisava essas esperanças ao plantar no coração do território nacional, praticamente do nada, uma nova capital. Uma visita a um pequeno museu em Brasília permite reviver um pouco do clima desses anos dourados. Numa representação bem fiel à realidade, ele mostra como Juscelino Kubitschek e seus colaboradores mais próximos viviam durante a época de construção de Brasília. São barracões rústicos, feitos predominantemente de madeira, batizados já naquela época de Catetinho, uma brincadeira — diz-se que feita pelo músico Dilermando Reis — com o Palácio do Catete, no Rio, então sede do governo federal.

O Catete é rico e esbanja exteriorizações dessa riqueza. O Catetinho é um acampamento de obra, sem pretensões de status quo ou de poder. É nessa junção de falta de pretensão com o fato de exprimir um momento muito significativo de nossa história que reside seu encanto especial. O primeiro local de governo e moradia do presidente Juscelino na nova capital é uma casa extremamente simples, despojada. Construída com piso suspenso sobre pilotis, linguagem arquitetônica comum nas construções de Brasília e característica daquela década, foi projetada por Oscar Niemeyer.

A opção pela madeira é atribuída à necessidade de construir a casa, também conhecida como “Palácio de Tábuas”, num prazo muito curto: dez dias, entre 22 e 31 de outubro de 1956. Três anos depois, em 1959, a pedido de JK, o Catetinho foi tombado pelo patrimônio histórico. Abandonado durante muitos anos, em 1997 foi recuperado numa parceria entre a Fundação Roberto Marinho, o governo do Distrito Federal e a federação do comércio local.

O trabalho de restauração, revitalização e museografia foi exemplar. Os ambientes estão montados como se tivessem acabado de ser usados, e amplos painéis fotográficos e de textos contextualizam os acontecimentos do período. A intenção foi propiciar ao público um “testemunho vivo” do cotidiano da aventura da construção de Brasília.

A equipe teve tal cuidado na montagem que conseguiu da empresa fabricante a reprodução de uma embalagem da pasta de dentes Kolynos tal qual era nos anos 50. Um detalhe apenas, colocado no banheiro, mas que mostra a preocupação com uma reconstituição o mais fiel possível. Com um prazer quase voyeurista, ao percorrer os cômodos o visitante vai tomando contato com o dia-a-dia de JK e seu entourage. Em seu quarto, reconstituído com móveis remanescentes do antigo Brasília Palace Hotel, há objetos da época como o Rádio Philips e malas de viagem da Panair. Sobre a cama, ainda repousa o pijama de seda Lanvin que era utilizado pelo presidente, além de outros objetos pessoais como o chapéu de feltro.

A Sala de Despachos foi o primeiro escritório de JK no Planalto Central, usado já no dia de inauguração para a assinatura dos atos referentes à construção de Brasília e o exame dos esboços iniciais do Palácio da Alvorada levados por Oscar Niemeyer. Em suas mais de 300 viagens durante a construção de Brasília, a sala se tornava a sede do poder. Ali estão documentos e plantas históricas sobre a construção de Brasília.

Tanto na Sala dos Despachos quanto no cômodo seguinte, a sala de visitas, a ambientação exprime o encanto de uma época muito rica no design brasileiro de equipamentos para o habitat. Chamam atenção os móveis pés de palito, alguns originais, outros comprados em antiquários, as cadeiras de palhinha, o telefone de manivela, a máquina de escrever Triumph, o ventilador Faet, o rádio Spika, todos traduzindo o “espírito do tempo”.

Havia originalmente três quartos de hóspedes. O que era destinado a Israel Pinheiro, presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), responsável pela construção de Brasília, foi mantido tal qual era. O despojoamento está presente também no quarto de Ernesto Silva, secretário da Comissão de Localização da Nova Capital. Em sua ambientação, uma foto do famoso “Maracangalha”, jipe usado por JK nas visitas às obras.

O terceiro quarto de hóspede é hoje um espaço dedicado aos visitantes ilustres do Catetinho, do presidente português Craveiro Lopes à



Roupa de gala de JK e Sara Kubitschek

rainha Elizabeth. Os então lindos e jovens Vinícius de Moraes e Tom Jobim se hospedaram lá em 1960 para compor a “Sinfonia da Alvorada”. Um assíduo frequentador foi o músico Dilermando Reis, cujo violão permaneceu na casa. Um texto de sua autoria num dos painéis fala das “noites intermináveis, escuras como breu”, que eram amenizadas pelas serestas em que não podia faltar “Peixe Vivo”, a preferida de JK.

No bar, duas garrafas de Caninha 29 Pirassununga insinuam o combustível para as cantorias, muitas delas tendo como ruído de fundo os rugidos de onças das matas ao redor. Uma vitrine com forma inspirada no design da década de 50 exibe exemplares das revistas “Caretta”, “Cruzeiro” e “Manchete”; e discos de Dilermando Reis, Silvio Caldas e Angela Maria, entre outros.

Um dos cômodos mais interessantes é a cozinha. A moda das cozinhas antigas, num “puxado” fora do bloco principal da casa, a do Catetinho tem fogão a lenha. Uma particularidade pré-apagão: o forno com serpentina aquecia a água para os banheiros. À maneira da pasta Kolynos, também aqui os produtos — como as latas de creme de leite, Nescau e leite Moça — têm as embalagens da época. Nos armários, o espremedor de laranjas manual, o liquidificador, o ralador convidam a uma viagem no tempo. Em cima da grande mesa de madeira, lingüiça, ovo, queijo de minas, bolos, pães. A cenografia é tão bem feita que é possível imaginar o cheiro da quitanda — como o mineiro chama sua patisserie — saindo do forno.

A cozinha era o principal lugar de convívio do Catetinho, local não só para as refeições, mas até para receber visitantes estrangeiros. O cardápio habitual — tutu com couve, frango com quiabo ou ao molho pardo, sempre com angu; goiabada com queijo na sobremesa — era compartilhado com quem estivesse circulando pela casa, inclusive os operários, explica um painel. “Às vezes, Juscelino trocava o almoço do Catetinho por um prato de carne com farinha ao lado dos candangos nas obras. Em geral, o presidente convidava alguns engenheiros da Novacap para o ‘banquete’ no ‘Palácio de Tábuas’, onde discutiam o andamento das construções.”

Uma sala anexa ao edifício central lembra a festa de inauguração de Brasília. Mostra, entre outros, a casaca usada por Juscelino, feita pelo alfaiate Trota, do Rio de Janeiro, e o vestido de dona Sarah, um modelo de Mena Fiala, comprado na Casa Canadá. Outra sala é dedicada aos candangos que construíram Brasília, os “heróis anônimos da empreitada da ocupação do Brasil Central”.

A visita pode se complementar com um passeio pelos 41 mil metros

quadrados de bosque ao redor, com direito a piqueniques debaixo de copas de ipê, jatobá, angico, cedro, ingá, paineira, sucupira e copaíba, entre outras árvores. O Catetinho propriamente dito, contudo, é pequeno: em cinco barracões, totaliza 692 metros quadrados de área. Entre a inauguração do Catetinho, no dia 1º de novembro de 1956, e a de Brasília, em 21 de abril de 1960, passaram-se menos de quatro anos — uma verdadeira proeza numa obra dessa envergadura. Juracy Magalhães, então governador da Bahia, havia apostado que a nova capital não ficaria pronta no prazo previsto. Numa sala do museu está a foto em que ele entrega uma gravata a JK, como pagamento da aposta perdida. Ao cumprir o improvável prazo que ele próprio se auto-impusera, JK parece ter feito mais do que ganhar uma aposta. O presidente que também prometia 50 anos em 5 e que trazia para o país a indústria automobilística, então considerada a panaceia para todos os males, parece ter dado para os brasileiros a auto-estima que tinha sido tão abalada com o suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

A era JK é a mesma em que o brasileiro se ufana até das pategadas a mais de Martha Rocha. Tudo era novo: não só a capital, mas também o cinema e a bossa da batida sincopada de “Chega de Saudade”. E o design, a arte, a moda, a cultura em geral. Tudo levava à sensação de que o país ia dar certo. O Catetinho é um testemunho desse momento de esperança. Pequeno e distante do plano piloto, vale a pena conhecê-lo. Mesmo que o visitante saia de lá com saudades de um futuro que, afinal, (ainda) não chegou.

Ambiente permite tomar contato com o dia-a-dia de JK e sua equipe na década de 50

MUSEU DO CATETINHO
Rodovia BR-40, Km 0, saída Sul, tels. 61/ 338-8564 e 338-8807. Visitação aberta diariamente, das 9h às 17h.